

***Jo, Ramon Llull (2016): documentário, historiografia e representação***

***Jo, Ramon Llull (2016): documentary, historiography, and representation***

***Jo, Ramon Llull (2016): documental, historiografía y representación***

*Guilherme Queiroz de Souza\**

<https://orcid.org/0000-0003-4668-8384>

RESUMO: O presente artigo analisa o documentário catalão *Jo, Ramon Llull (2016)*, com ênfase na representação desse filósofo maiorquino. Inicialmente, mapearemos os documentários produzidos sobre Llull desde a década de 1980, examinando suas principais características narrativa e estética, além de suas “vozes” historiográficas. Posteriormente, testaremos as hipóteses de que existe uma analogia entre o material e o filme *O Nome da Rosa* e de que nele há um sentido político, diplomático e hagiográfico.

Palavras-chave: Ramon Llull. Documentário. Historiografia. Representação.

ABSTRACT: This article analyzes the Catalan documentary *Jo, Ramon Llull (2016)*, giving emphasis to the documentary’s representation of this Majorcan philosopher. Initially, we will map the documentaries on Llull produced since the 1980s, examining their main narrative and aesthetic characteristics, and their historiographic “voices”. After that, we will test the hypothesis that there is an analogy between this material and the movie *The Name of the Rose* and that in it there are political, diplomatic, and hagiographic meanings.

Keywords: Ramon Llull. Documentary. Historiography. Representation.

RESUMEN: El presente artículo analiza el documental catalán *Jo, Ramon Llull (2016)*, enfatizando su representación de este filósofo mallorquín. Inicialmente, observaremos los documentales

---

\* Professor Adjunto de História Medieval da Universidade Federal da Paraíba e do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-UFPB). Doutor (2014) em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis), com Mestrado (2010) e Graduação (2007) pela Universidade Federal de São João del-Rei. É coordenador do Gradalis: Grupo de Estudos Medievais (UFPB). E-mail: guilhermehistoria@yahoo.com.br

producidos sobre Llull desde la década de 1980, examinando sus principales características narrativas y estéticas, además de sus “vozes” historiográficas. Posteriormente, probaremos las hipótesis de que existe una analogía entre el material y la película *El Nombre de la Rosa* y de que hay en el mismo un sentido político, diplomático y hagiográfico.

Palabras clave: Ramon Llull. Documental. Historiografía. Representación.

### Como citar este artigo:

Souza, Guilherme Queiroz de. “Jo, Ramon Llull (2016): documentário, historiografia e representação”. *Locus: Revista de História*, 29, n. 1 (2023): 222-239.

\*\*\*

## Introdução

“Todo filme é um documentário”. Essa é uma das primeiras observações de Bill Nichols, crítico e teórico estadunidense, num livro fundamental que trata deste último gênero cinematográfico. Entre as características necessárias para distingui-lo, o autor aponta cinco principais: a narração conhecida como a “voz de Deus” (ou narração em *off*); as entrevistas; a gravação de som direto; os cortes para inserir imagens que ilustrem a circunstância mostrada; e a utilização de pessoas em suas atividades cotidianas (Nichols 2005b, 26; 54). Como não poderia deixar de ser, os documentários são uma representação do mundo, jamais uma simples reprodução da realidade.

Ao contrário do que se costuma afirmar, o documentário não nasceu com o cinema, ou seja, suas origens não se confundem ou mesmo coincidem com aquelas da “sétima arte”. Os produtores do fim do século XIX e início do XX simplesmente filmavam o mundo no qual viviam – em outras palavras, é a “não ficção” que surge com a invenção da imagem em movimento (Penafria 1999, 38). Diferentemente da ficção, no entanto, o documentário estabelece proposições sobre o mundo. Mas isso não quer dizer, é claro, que ele apenas focalize a realidade palpável, do contrário não existiriam produções sobre seres mitológicos (Ramos 2008, 22; 30).

Uma característica dos documentários é ser uma “narrativa que possui vozes diversas” (Ramos 2008, 24), cuja tendência é confluir para expressar a voz do produtor, sua versão oficial. Essa estratégia busca legitimar um discurso, quando especialistas ou testemunhas surgem como “autoridades” – portanto, supostamente dignas de confiabilidade – para convencer o espectador (Nichols 2005b, 208). Por isso, precisamos levar em conta as vinculações dos entrevistados (universidades, institutos etc.) e das empresas que produziram esses materiais (produtoras,

emissoras de TV etc.). Tais entidades têm seus próprios interesses mercadológicos, culturais e ideológicos, com financiamentos estatais e/ou privados. Já antes da década de 1980, essa pluralização das “vozes” era frequente nos documentários.<sup>1</sup>

O presente artigo analisa o documentário catalão intitulado *Jo, Ramon Llull* (2016), com ênfase na representação deste filósofo maiorquino. Desde o fim do século XX, Llull tem conquistado crescente espaço no universo midiático, como no cinema de animação, algo potencializado com o *Any Llull* (2015-2016). Naquela ocasião, que marcou as comemorações do sétimo centenário da morte do pensador, vários projetos, eventos e publicações surgiram ao redor do mundo, com o propósito de divulgar sua figura. Seguimos a perspectiva de nossas últimas pesquisas (Souza 2021a; 2021b), cujos materiais examinados (adaptações infanto-juvenis, histórias em quadrinhos e animações) raramente receberam uma abordagem historiográfica. Antes disso, porém, torna-se fundamental observar as particularidades dos principais documentários que já existiam sobre Llull.

## Os documentários sobre Ramon Llull

Há algumas décadas, a figura de Ramon Llull tem sido explorada pelos documentários, sobretudo na Catalunha. Um dos primeiros se intitula *La nostra gent - Ramon Llull*<sup>2</sup> e foi produzido pela TVE Catalunya (1982), com 27 minutos de duração.<sup>3</sup> Dois anos depois, a TVE lançou outro documentário sobre o filósofo, *L'aventura dels catalans - Ramon Llull*, de 25 minutos.<sup>4</sup> Embora tenham algumas cenas em comum, como as entrevistas do arqueólogo Josep Mascaró Passarius e do sacerdote lulista Sebastià Garcías Palou, o segundo material ainda conta com a participação do também sacerdote lulista Jordi Gayà Estelrich e do arabista Mikel de Epalza. Ambas as produções enfatizam o aspecto missionário de Llull, com a exibição de cenários maiorquinos percorridos por ele.

Em 1994, foi lançado o documentário *Ramon Llull: ciència i acció* (47 minutos). É uma produção da Fundació Videoteca dels Països Catalans, de Barcelona, com direção de Josep Oller e roteiro de Albert Soler. O material comenta algumas características das principais obras filosóficas e literárias de Llull e o funcionamento do sistema filosófico conhecido como Arte, sob o pano de

---

<sup>1</sup> “A emergência de tantos documentários construídos em torno de sequências de entrevistas me parece uma resposta estratégica ao reconhecimento de que nem os fatos falam por si mesmos, nem uma única voz pode falar com autoridade definitiva. As entrevistas tornam a autoridade difusa” (Nichols 2005a, 57).

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.rtve.es/play/videos/la-nostra-gent/arxiu-tve-catalunya-nostra-gent-ramon-llull/3662460/>

<sup>3</sup> O material foi idealizado por Josep Sardà Prat e apresentado por Manuel Ibáñez Escofet, com a contribuição de Vladimir de Semir (edição) e de Josep Maria Ainaud de Lasarte (assessoramento).

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.rtve.es/play/videos/altres-programes-darxiu/arxiu-tve-catalunya-laventura-dels-catalans-ramon-llull/3660203/>

---

fundo de imagens da ilha de Maiorca e de animações inspiradas no manuscrito conhecido como *Breviculum* (c. 1321-1330). No fim, há uma apresentação de centros lulianos de pesquisa, como o Raimundus-Lullus-Institut, na Alemanha. Nesse meio tempo, existem intervenções por meio de entrevistas com lulistas reconhecidos internacionalmente.<sup>5</sup>

Nesse início de século XXI, o número de documentários se ampliou consideravelmente. Um dos mais completos é o *Phantasticus. El cant de Ramon* (2007), de 57 minutos.<sup>6</sup> Sua direção ficou a cargo de Cesc Mule, numa parceria que envolveu a Televisió de Catalunya, La Perifèrica Produccions, Oberón Cinematogràfica, o Institut Ramon Llull e a IB3 (Televisió de les Illes Balears). Além de mostrar muitas localidades visitadas por Llull (especialmente em Maiorca), e bibliotecas onde estão preservados alguns manuscritos de suas obras, expõe a declamação de trechos de um famoso texto luliano: o *Livro do Amigo e do Amado*. Ressaltamos ainda que vários intelectuais, entre eles renomados lulistas, compõem a equipe.<sup>7</sup>

Já o documentário *Ramon Llull, uomo del nostro tempo* (2015) tem 47 minutos de duração.<sup>8</sup> Foi dirigido por Enrico Ranzanici, produzido pela Elsa Peretti Foundation e narrado por Alessandro Tessari, acadêmico e político italiano. Ele acompanha um livro publicado por Pere Villalba i Varneda (2015), com filmagens de Pádua e Veneza, cidades italianas que, ao que tudo indica, não foram conhecidas por Llull. Como o seu próprio nome diz, pretende demonstrar a atualidade do filósofo, cujo pensamento (o lulismo) poderia auxiliar na compreensão de complexos problemas contemporâneos, sobretudo daqueles que ocorrem na Europa.

No mesmo ano, apareceu o documentário mais extenso entre aqueles que localizamos. Com o título *Ramon Llull*, está formado por seis episódios, que variam em duração (entre 40 e 50 minutos).<sup>9</sup> Cada um deles dedica-se a uma (ou duas) daquelas que seriam as principais facetas de Llull, na seguinte ordem: 1) escritor; 2) teólogo e místico; 3) filósofo e científico; 4) poliglota; 5) cidadão; 6) comunicador e viajante. Produzida pela IB3, a série é dirigida por Miquel Verd e Pere Muñoz e apresentada por Joan Miquel Artigues, que percorre diversos locais visitados por Llull, como Maiorca, Paris, Roma e Barcelona.<sup>10</sup>

---

<sup>5</sup> São entrevistados os seguintes pesquisadores: Lola Badia, Anthony Bonner, Fernando Domínguez Reboiras, Jocelyn Hillgarth, Charles Lohr e Amador Vega.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.ccma.cat/tv3/alcarta/programa/Phantasticus-El-cant-de-Ramon/video/321149/>

<sup>7</sup> São eles: Lola Badia, Albert Soler, Anthony Bonner, Jordi Gayà, Josep Massot i Muntaner, Raimon Panikkar, Biel Mesquida, Fernando Domínguez Reboiras, Charles Lohr, Ahmed Djebbar, Federico Mayor Zaragoza e Harvey Hames.

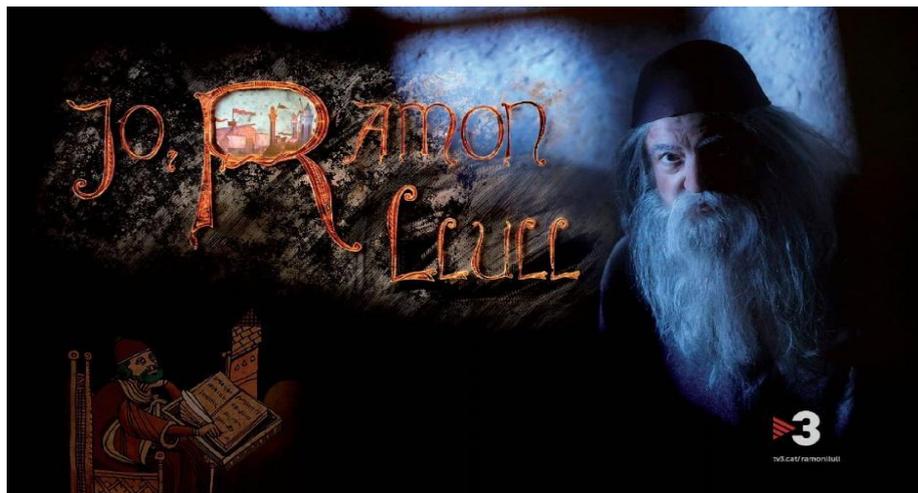
<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w7wu1FSYLa8>

<sup>9</sup> Disponível em: <https://ib3.org/ramonllull?pl=1&cont=03e03820-9c9b-42bf-b749-6614e3187bd9>

<sup>10</sup> Ele conta com a participação de vários estudiosos: Lola Badia, Albert Soler, Gabriel Ensenyat Pujol, Maribel Ripoll, Damià Pons, Constantín Teleanu, Óscar de la Cruz Palma, Miquela Sacarès Taberner, Llorenç Valverde, Salvador Sánchez, Josep Amengual i Batle, Elena Pistolesi, Rosa Planas Ferrer, Joan Miralles, José María Sevilla, Pere Fullana, Sara Muzzi, Jordi Maíz, Àlex Susanna, Joan Avellaneda, Tomàs Vibot e Bartomeu Bestard.

Da década de 1980 até 2016, vários documentários sobre Ramon Llull foram produzidos. Em sintonia com a historiografia luliana de então, os primeiros tinham uma considerável participação de homens de origem eclesiástica, como os sacerdotes Garcías Palou e Gayà Estelrich. Com o passar do tempo, as produções ficaram mais longas e rebuscadas, evocando uma pluralidade de “vozes” para as entrevistas, inclusive com uma presença maior de mulheres. Isso também reflete o desenvolvimento dos estudos lulianos nas últimas décadas, que cresceram e amadureceram exponencialmente, possibilitando um conhecimento mais profundo da vida e obra de Llull (Higuera Rubio 2021, 65-66). O documentário *Jo, Ramon Llull* (2016) situa-se nessa esteira, impulsionado pelas atividades em torno do *Any Llull*. Segundo Jordi Bosch (2016, 73), um de seus atores principais, o material contribuiu para popularizar a figura do maiorquino, que era um “grande desconhecido” do público.<sup>11</sup>

#### Imagem 1



Cartaz de divulgação do documentário *Jo, Ramon Llull* (2016).

#### ***Jo, Ramon Llull* (2016)**

O documentário *Jo, Ramon Llull*, lançado em 2016,<sup>12</sup> é uma produção da TV3 - Televisió de Catalunya, da Batabat Produccions e da Xarxa Audiovisual Local. Foi dirigido por Antoni Tortajada e Joan Gallifa, com a assessoria histórica de Lola Badia e Borja de Riquer. Com 94 minutos de duração, obteve um rápido sucesso de audiência, atingindo mais de 332 mil espectadores na TV3<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> Tal desconhecimento já foi apontado pela historiografia (Domínguez Reboiras 2016, 36).

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.cma.cat/tv3/alcarta/jo-ramon-llull/jo-ramon-llull/video/5617793/>

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.grupclade.com/exit-daudiencia-de-jo-ramon-llull-un-projecte-de-som-batabat/>

e, até o momento, mais de 18 mil visualizações no YouTube.<sup>14</sup> Ao contrário dos anteriores, estritamente falando o material se enquadra na definição de uma “docuficção”.<sup>15</sup> Estamos diante de um gênero híbrido, o qual, segundo a Academia Brasileira de Letras, “apresenta ao mesmo tempo características típicas do documentário tradicional (como registros de eventos da vida real) e elementos imaginários próprios das narrativas de ficção”.<sup>16</sup> Dois atores fazem o papel de Ramon Llull, em diferentes faixas etárias: Roger Casamajor (jovem) e Jordi Bosch (velho); por sua vez, o coadjuvante da trama é o monge dominicano Simó de Puigcerdà, interpretado por Dafnis Balduz.

Não se trata de uma megaprodução, com um grande orçamento e equipe. Notamos isso em muitas cenas gravadas num pequeno e humilde *scriptorium* medieval. Seu apresentador é Antoni Tortajada, que viaja por várias localidades, tanto por aquelas visitadas por Llull (Maiorca, Montpellier, Paris, Roma, Avignon e Vienne) quanto por aquelas onde alguns manuscritos estão depositados (Karlsruhe e Freiburg). Para evitar um enredo monótono, utiliza estratégias que pretendiam manter a atenção dos telespectadores. Uma delas é a introdução de trechos paralelos à história central, como quando descreve o roubo de livros do mosteiro de Poblet, os elementos necessários à produção de um manuscrito medieval ou então a deposição do Papa Bonifácio VIII (o “Atentado de Anagni”, de 1303). Essas seções quebram o ritmo da narrativa, servindo para arejá-la com a incorporação de fatos curiosos e anedóticos.

A produção destaca cinco temas que abarcam episódios capitais da biografia luliana: 1) *La conversió de Ramon*; 2) *Ramon i l'esclau*; 3) *El millor llibre del món*; 4) *El viatge a Tunis*; 5) *El triomf de Ramon*. Ela possui duas formas básicas, que se alternam. Na primeira que aparece, temos uma dramatização da trajetória de Llull, com atores caracterizados e cenários de época; na outra, entrevistas com pesquisadores e visitas a locais relacionados ao filósofo. Em recente publicação, Ana Fernández Álvarez e Joan Solé Camardons (2020, 172) criticaram tal formato, que seria “desequilibrado”: para eles, há uma primeira seção “fraca, enfática demais, lenta e de pesado planejamento” e outra “mais interessante, por meio de entrevistas e consultas com especialistas”.

Algo observado e indicado pelos diretores é que o *Jo, Ramon Llull* segue a narrativa biográfica conhecida como *Vita Coetanea* (1311), texto que o pensador ditou a um religioso do mosteiro cartuxo de Vauvert, em Paris. Ali, estão descritos os principais eventos de sua trajetória, como as viagens pelo Mediterrâneo, algumas delas magnificamente ilustradas no *Breviculum*. Todavia, como Llull ainda viveu até 1316, importantes acontecimentos estão ausentes, como sua

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://youtu.be/zI3ZqfEjKWE>

<sup>15</sup> Embora conceitualmente distintos, usamos os termos “documentário” e “docuficção” como sinônimos, devido à popularização do primeiro.

<sup>16</sup> Verbete “docuficção”. In: *Academia Brasileira de Letras* (ABL). Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/docuficcao>

---

viagem à Sicília (1313-1314). A *Vita Coetanea* também serviu como base para muitas das cenas que aparecem na animação digital intitulada “Ramon Llull” (2020), produzida pela LADAT (UIB) (Souza 2021a, 207-208).

Mas o *Jo, Ramon Llull* lança mão de uma inventividade para além do texto medieval.<sup>17</sup> Isso é observado já nas primeiras cenas, que contam uma história imediatamente posterior a um naufrágio sofrido por Llull. O fato funciona como ponto de partida para a história, ou melhor, para a biografia do protagonista, que ele começa a narrar a um monge. No entanto, existem licenças poéticas. Na *Vita Coetanea*, o naufrágio ocorreu no litoral de Pisa (1307);<sup>18</sup> no documentário, aconteceu na costa de Gênova, onde Llull foi acolhido num mosteiro dominicano.<sup>19</sup> Ademais, sabemos que a *Vita* foi escrita quatro anos depois daquele evento e num mosteiro cartuxo parisiense, como já sublinhamos. Seja como for, nosso objetivo principal não é apontar esses anacronismos e imprecisões, pois a docuficção tem a liberdade de utilizar elementos ficcionais, sem precisar se ancorar exclusivamente nas evidências históricas.<sup>20</sup>

Certamente, a escolha do naufrágio como ponto de partida pretendia estabelecer um momento dramático e extraordinário, algo que chamaria a atenção do espectador.<sup>21</sup> Ora, naquele episódio, Llull, que contava com mais de setenta anos, perdeu todos os textos que havia escrito em solo africano e carregava a bordo. Essas primeiras cenas também marcam uma relação que atravessa toda a produção – aquela entre Llull e o monge Simó de Puigcerdà, que copia o seu relato. O destaque à figura de Simó é significativo, já que, embora ele tenha sido um personagem real, sua função no enredo é redigir a *Vita Coetanea*. Nesse procedimento intelectual, o religioso aparenta surpresa com a versão contada por Llull, que ele chega a ironizar e a confrontar. O contato entre eles, cujos detalhes históricos desconhecemos, é intencionalmente criado pelos diretores.

Em relação às suas “vozes” historiográficas, são oito os pesquisadores entrevistados, dos quais alguns aparecem mais de uma vez.<sup>22</sup> Todos eles estão ligados a universidades de prestígio, principalmente da Catalunha. Tal aspecto acadêmico é ampliado quando aparecem centros de

---

<sup>17</sup> É o que aponta Antoni Tortajada: “Ens hem pres algunes llicències, però sempre ens hem basat en el llibre ‘Vida coetània’” (“Visita al rodatge de ‘Jo, Ramon Llull’” 2016).

<sup>18</sup> “O navio partiu para Gênova. Ao largo de Pisa, cerca de dez milhas do porto, desencadeou-se uma violenta tempestade. As vagas subiam por todos os lados, assaltando o navio, que acabou por naufragar” (Llull 2004, X, § 41, 97). Para a estada de Llull em Pisa, ver Domínguez Reboiras (1986).

<sup>19</sup> Estranhamente, logo após a legenda “El viatge a Tunis”, o cenário apontado é “Béjaïa, actual Algèria” (1307).

<sup>20</sup> “Em outras palavras, é menos importante saber se tal ou qual filme foi fiel aos diálogos, à caracterização física dos personagens ou a reproduções de costumes e vestimentas de um determinado século. O mais importante é entender o porquê das adaptações, omissões, falsificações que são apresentadas num filme” (Napolitano 2011, 237).

<sup>21</sup> A mesma estratégia foi usada pelo pesquisador Joan Santanach, quando proferiu uma conferência sobre a trajetória de Llull (17/02/2016). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NMDIWORzOEE>

<sup>22</sup> Salientamos que a maior parte dos especialistas espanhóis em Ramon Llull não tem uma formação em História propriamente, mas em Filologia Catalã.

pesquisa lulianos, como o Raimundus-Lullus-Institut (Freiburg), onde Josep Enric Rubio explica o funcionamento do sistema filosófico da Arte. Outros estudiosos tiveram uma influência indireta, como Albert Soler, que participou da produção de alguns dos documentários anteriores e cujos trabalhos sobre Llull foram lidos por Jordi Bosch poucos anos antes.<sup>23</sup> É possível encontrar, como demonstraremos, divergências entre as posições dos especialistas e daquelas dos narradores e diretores.

Tabela 1

PESQUISADOR	INSTITUIÇÃO	APARIÇÕES
Gabriel Ensenyat	Universitat de les Illes Balears (UIB)	1
Josep Enric Rubio	Universitat de València (UV)	1
Laura de Castellet	Institut de Recerca en Cultures Medievales da UB	1
Borja de Riquer	Universitat Autònoma de Barcelona (UAB)	3
Josep Maria Ruiz Simon	Universitat de Girona (UdG)	3
Alexander Fidora	Institució Catalana de Recerca i Estudis Avançats e UAB	4
Lola Badia	Universitat de Barcelona (UB)	5
Maribel Ripoll	Universitat de les Illes Balears (UIB)	5

Souza, Guilherme Queiroz de.

### *Jo, Ramon Llull e O Nome da Rosa*

As primeiras cenas do *Jo, Ramon Llull* recordam imediatamente o filme *O Nome da Rosa* (1986), baseado no homônimo livro do escritor italiano Umberto Eco (1980), cuja trama ocorre num mosteiro beneditino (1327). Sabemos que o próprio Eco era fascinado pela figura de Llull, sobre quem escreveu alguns trabalhos.<sup>24</sup> Em relação ao filme, sua direção ficou a cargo de Jean-Jacques Annaud, com a consultoria do próprio Eco e de vários medievalistas franceses, entre os quais o mais famoso era Jacques Le Goff. Ainda que muitos destes tenham sido afastados posteriormente das filmagens e tivessem que admitir certas “imposições cinematográficas” (Le Goff 2007, 61), o que gerou dissabores duradouros, a fotografia e cenografia do filme são consideradas “impecáveis” (Macedo 2009, 219).

Determinados elementos reforçam a analogia entre as duas produções. Em primeiro lugar, o cenário escolhido para Llull narrar sua autobiografia é um mosteiro. Acompanhado por Simó de Puigcerdà, que o salva do afogamento e se torna o seu copista, o então septuagenário filósofo passa a relatar a trajetória de sua vida. Com duração de poucos minutos, essas cenas aparecem em muitos outros momentos, alternadas pelas lembranças dos eventos. Destaca-se a fotografia do edifício,

<sup>23</sup> “Realmente me abriu una puerta a un personaje que es inmenso”, *Apud* Lerín (2016). Disponível em: <https://www.elperiodico.com/es/tele/20160910/jordi-bosch-roger-casamajor-llull-tv-3-5364429>

<sup>24</sup> Ver, por exemplo, Eco (2002, 77-99). Segundo o jornalista Matías Vallés, que publicou uma matéria sobre o documentário catalão, “Eco és un dels propagandistes planetaris de Llull” (Vallés 2016, 70).

com ênfase nas imagens sombrias e escuras, que produzem um aspecto de mistério e refletem a rigidez daquele ambiente. É o mesmo padrão de *O Nome da Rosa* (Macedo 2009, 219).

Outra semelhança está nos personagens: Ramon Llull aproxima-se do franciscano William de Baskerville, quem tinha uma posição mais “progressista” com relação ao cristianismo. O personagem, interpretado por Sean Connery, é arguto e inteligente, com um espírito racionalista e científico. Isso é notado tanto nos debates filosóficos que travava quanto no destaque aos objetos (astrolábio e óculos) que carregava. No que tange à representação de Llull, observamos na cena inaugural a figuração de sua Arte na forma de discos giratórios e, quando de sua primeira aparição, ele segura um astrolábio.<sup>25</sup> Essa característica “inventiva” por vezes é atribuída ao maiorquino, que já foi erroneamente apontado como o inventor da agulha náutica<sup>26</sup> e da destilação. Vale salientar, ainda, que William de Baskerville foi considerado suspeito pela Inquisição, o que recorda o próprio Llull, cuja obra posteriormente à sua morte acabou sendo perseguida e condenada por Nicolau Eimeric (c. 1320-1399), inquisidor dominicano aragonês. Ele escreveu vários opúsculos contra Llull, apontando seus supostos erros e heresias. Em 1376, o inquisidor obteve do Papa Gregório XI uma bula que proibia o ensino do pensamento luliano. Dois anos depois, com o início do chamado “Grande Cisma do Ocidente”, continuou sua vigorosa perseguição, dessa vez sob a tutela do Papado de Avignon (Domínguez Reboiras 2010, 367; Villalba i Varneda 2015, 491-492).

### Imagem 2



Ramon Llull segura um astrolábio. *Jo, Ramon Llull* (2016).

---

<sup>25</sup> O objeto já havia aparecido, quando o escravo árabe diz a Llull que foi um muçulmano quem o inventou.

<sup>26</sup> O cisterciense maiorquino Antonio Pasqual (1708-1791), por exemplo, defendia a ideia de que Llull foi o “primero que descubrió el secreto de dirigirse al Polo la Aguja tocada en el iman, y el uso de ella para la navegación” (1789, 06).

Guardadas as devidas proporções, Simó de Puigcerdà lembra duas figuras que entram em confronto com William de Baskerville: o dominicano Bernardo Gui e o monge Jorge de Burgos, ambos com posições conservadoras. Curiosamente, Umberto Eco batizou este último personagem inspirado no escritor argentino Jorge Luis Borges (1899-1986), o qual, igualmente, se interessava por Llull (Borges 1999, 369-375). Durante sua vida, o filósofo maiorquino enfrentou a desconfiança dos círculos eclesiásticos tradicionais, sobretudo quando se propôs a explicar sua *Arte* aos escolásticos parisienses. Na docuficção, Simó argumenta que esse sistema luliano “não tem tradição filosófica antiga”<sup>27</sup> – posteriormente, o monge cita uma passagem bíblica para confrontar Llull,<sup>28</sup> cuja espirituosa resposta é dizer que os dominicanos são “muito ortodoxos”.

Essa crítica de Llull e a escolha de um mosteiro dominicano para ser o *locus* de redação da autobiografia não são aleatórias. Nos debates filosóficos medievais, Llull posicionou-se contrário aos chamados “averroístas” (Bordoy Fernández 2002), que propunham uma leitura radical de Aristóteles e cujas teses foram condenadas pelo bispo de Paris e por dezesseis professores universitários daquela cidade (1277). Após sua “conversão”, Llull até cogitou se tornar membro de uma ordem mendicante (franciscano ou dominicano), o que nunca se efetivou (Llull 2004, V, § 21-23, 74-76). Mais tarde, os dominicanos passaram a perseguir o seu pensamento, ao contrário dos franciscanos, que o estudaram e transmitiram. Era o início da secular disputa entre antilulistas e lulistas.

No documentário, não existe uma menção aos averroístas como adversários intelectuais de Llull. São os dominicanos quem ocupam esse papel. Mais do que isso: Simó e os monges daquela ordem expressam uma perspectiva teologicamente conservadora. Desde o início, o copista fica surpreso ao saber da origem laica (e não clerical) de Llull, além de pôr em dúvida o seu método (a *Arte*), sua proximidade com o sagrado (as aparições) e sua pretensão em escrever um livro com a mesma autoridade da Bíblia (o “livro mais importante do mundo”). No *best-seller* de Umberto Eco, encontramos referências a dois célebres franciscanos ingleses, Roger Bacon (1214-1294)<sup>29</sup> e Guilherme de Ockham (c. 1285-1347),<sup>30</sup> escolásticos que, respectivamente, eram mestre e amigo de William de Baskerville (Eco 2021, 49-50). Mas no filme tal correlação é suprimida. De toda

---

<sup>27</sup> Com efeito, para a surpresa dos mestres escolásticos, a *Arte* luliana não se baseava em autoridades. Ver Bonner (1996).

<sup>28</sup> “Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes” (Mt 7, 15).

<sup>29</sup> Entre os grandes escolásticos de seu tempo (Alberto Magno, Tomás de Aquino, Boaventura, Duns Scot e Roger Bacon), apenas este último (assim como Llull) conhecia árabe. Ver Hillgarth (2018, 22).

<sup>30</sup> A princípio, Eco havia escolhido o próprio Guilherme de Ockham para ser o investigador da história, ideia que abandonou por achá-lo “antipático” (Eco 1985, 25).

forma, as analogias param por aí: Llull nunca se tornou um frade menor e o próprio Simó originalmente não era um dominicano, mas um franciscano.<sup>31</sup>

Outra proximidade com *O Nome da Rosa* pode ser percebida no conflito entre Ciência (Razão) e Religião (Fé). Na verdade, a produção de Annaud reforça o mito da “Idade das Trevas” (Hulshof 2020) – a saber, um período milenar marcado pelo fanatismo religioso, sem espírito racional, que só despontaria no Renascimento e no Iluminismo. Nessa concepção, a Igreja teria atuado maquiavelicamente ao ocultar ou destruir os avanços científicos. Um mito já desconstruído pela historiografia moderna, para a qual muitas dessas imagens são falsas ou exageradas (Heers 1994). Embora Llull tenha buscado provar com “razões necessárias” os mistérios da fé, o que gerou duras críticas e desconfiança (Fidora 2018, 121), ele nunca foi condenado por heresia ainda em vida.

Acreditamos que o documentário não expressa a ideia de uma “Idade das Trevas”. No máximo, ela poderia ser referenciada aos primeiros minutos, que se desenrolam num mosteiro. Ali, existe um cenário por vezes sombrio e obscuro, mas que não se prolonga pelo audiovisual. As invenções (o astrolábio, por exemplo) que aparecem em *O Nome da Rosa*, entendidas como perigos à fé, não têm esse significado no *Jo, Ramon Llull*. Da mesma forma, se a questão do riso é fundamental no primeiro, algo condenado pelos monges, isso não consta no segundo, mesmo que exista um contraste entre Llull (jocoso) e Simó de Puigcerdà (sisudo). Notamos esse traço quando o filósofo ironiza e minimiza a importância do trabalho do monge (“copista de bíblias”). A produção também expõe adjetivos muitas vezes referidos à personalidade luliana (o “louco”), o que reforça essa visão extravagante.

A ênfase do documentário ao científico e excêntrico Llull supostamente estaria acompanhada por uma focalização de aspectos pouco explorados de sua trajetória: o político e o diplomático. Tal característica já foi sinalizada por um dos diretores, Antoni Tortajada, para quem a produção procurou se afastar das imagens de beato e piedoso (*Apud* Busquets 2016, 37), “aproximando-se de outro [Llull] mais desconhecido” (*Apud* Puig 2016, 10). Na verdade, consideramos que o político e o diplomático não têm um destaque excepcional: ora, o documentário apresenta somente a relação entre Llull e o rei Jaime II de Maiorca. Não há nenhuma cena com o monarca capetíngio Filipe IV, tampouco com algum Papa – o que é curioso, considerando que Llull conheceu quatro pontífices! Por isso, embora o material pretenda se esquivar das facetas lulianas de beato e piedoso, nem sempre é o que acontece. Mas isso não o

---

<sup>31</sup> “[...] que tot i que va existir no va tenir el paper que li hem adjudicat. Aquí fa de copista de Llull, i és ell qui comença a plantejar dubtes sobre el que el mestre Ramon li dicta” (“Visita al rodatge de ‘Jo, Ramon Llull’” 2016).

prejudica; muito pelo contrário. Caso esvaziasse consideravelmente a espiritualidade de Llull, correríamos o risco de não compreendermos algumas de suas motivações e comportamentos. Segundo o medievalista francês Alain Guerreau (2002, 19-34), não se pode separar Política e Religião na Idade Média, o que ocorre apenas com a “dupla fratura conceitual” da segunda metade do século XVIII.

Aparentemente, os diretores imaginavam que a religiosidade de Llull não poderia coexistir com um espírito racionalista e científico, que pretendiam acentuar. Um exemplo disso está no diálogo do filósofo com um monge vestido de branco, no fim da história. Naquele momento, Llull propõe uma interpolação do texto autobiográfico e admite que, durante o naufrágio, foi Simó de Puigcerdà quem o salvou. Esse é um detalhe importante, pois, antes disso, sua confissão ao próprio Simó referiu-se somente à interferência divina para explicar a sua sobrevivência.<sup>32</sup> Isso ocasionou uma ríspida discussão entre eles e a decisão do dominicano em não mais continuar “escrevendo mentiras como essas”. Eles se afastam a partir dali. O providencialismo – o milagre cristão – perde força diante da intervenção humana, revelando um esforço da docuficção em mostrar um Llull mais cético.

### Imagem 3



Ramon Llull e Simó de Puigcerdà após o naufrágio. *Jo, Ramon Llull* (2016).

---

<sup>32</sup> Na *Vita Coaetanea*, lemos o seguinte: “Alguns passageiros morreram afogados. Outros, com a ajuda de Deus, conseguiram salvar-se. Entre estes, contava-se Raimundo e o seu companheiro” (Llull 2004, X, § 41, 97).

## A natureza hagiográfica

Ainda que não tenham empreendido uma análise aprofundada, Ana Fernández Álvarez e Joan Solé Camardons (2020, 172) consideram o *Jo, Ramon Llull* um documentário “hagiográfico”.<sup>33</sup> Numa averiguação de sua estética, chegamos à conclusão de que tal definição tem sua razão de ser. Nas últimas cenas, por exemplo, existe uma visão laudatória do filósofo, declaradamente anunciada pela legenda “El triomf de Ramon”. Naquele instante, Llull termina sua narrativa autobiográfica, referindo-se aos três locais onde suas obras foram depositadas: Gênova, Paris e Maiorca. Dessa vez, quem copia a história não é Simó de Puigcerdà, mas o já citado monge vestido de branco; chama a atenção as poucas palavras que ele pronuncia sobre Llull, cuja vida classifica como “extraordinária”.

A seguir, vemos a representação do Concílio de Vienne (1311-1312), quando alguns projetos lulianos foram debatidos e aprovados. Nessa ocasião, Simó de Puigcerdà reaparece e já está convencido da relevância da proposta de Llull, tanto que manifesta sua intenção de ser o seu copista oficial. De forma jocosa, o filósofo pede calma, pois ele poderia ser condenado como herege no evento. Nas palavras do narrador Antoni Tortajada, nesse concílio Llull teve “finalmente o reconhecimento da Igreja Católica”, o que é um exagero. Ao todo, dez petições foram apresentadas por ele.<sup>34</sup> Por exemplo, ainda que uma bula tenha autorizado a fundação de escolas (Paris, Oxford, Bolonha e Salamanca) para o ensino de línguas orientais aos pregadores cristãos, a unificação das ordens militares foi debatida, mas nunca concretizada (Colomba 2013, 57).

Nesse momento, o próprio Tortajada chega a desconstruir a imagem de “mártir” atribuída a Llull. Ele destaca que, no começo do século XX, o sepulcro do pensador maiorquino foi reaberto, porém, os pesquisadores notaram que as marcas nos ossos tinham sido feitas *post mortem*. Em outras palavras, Llull não havia sido martirizado. A historiografia que surge no final do documentário é ponderada e não adota o tom triunfante que os diretores aparentemente desejavam manifestar. Para Borja de Riquer, nos círculos eclesiásticos Llull tornou-se um referente, o “primeiro catalão universal”; segundo Lola Badia, o filósofo é um cristão que utiliza o catalão como um instrumento; de acordo com Josep Maria Ruiz Simon, estamos diante de um escritor formidável; conforme Maribel Ripoll, é admirável a coerência de Llull em traçar um objetivo e lutar para atingi-lo; na visão de Alexander Fidora, devemos reconhecer a importância do “projeto luliano”. Portanto, a posição geral dos especialistas é mais moderada em comparação àquela dos diretores.

---

<sup>33</sup> Aqui, destacamos que o “hagiográfico” não se refere evidentemente a uma suposta “santidade” atribuída a Llull, que nem chegou a ser canonizado pela Igreja.

<sup>34</sup> “[...] en relació a los resultados de la asamblea ecuménica ésta fue, probablemente, una decepción más de las muchas que Ramon se llevó en su larga vida” (Domínguez Reboiras 2016, 287).

#### Imagem 4



Ramon Llull e Simó de Puigcerdà após um debate com os muçulmanos. *Jo, Ramon Llull* (2016).

A última cena do documentário mostra Ramon Llull durante um debate com sábios muçulmanos. Ele aparece ao lado de Simó e ambos atravessam uma porta. Essa estética merece uma abordagem mais detalhada, pois confere um sentido glorioso. A vestimenta do filósofo (trajes brancos) se funde ao jogo de luz proposital, o que potencializa uma aura de triunfo no atravessar da porta, finalizando o documentário. Na tradição cristã, a importância simbólica da porta é imensa; ela detém uma dimensão escatológica, transcendental, o acesso a uma realidade superior (as “portas do céu”).<sup>35</sup> Ademais, a “estética da luz”, presente inclusive no mundo medieval (Eco 2010, 87-102), não é aleatória, tampouco deve ser entendida como um detalhe. Ela carrega uma simbologia, não por acaso, vinculada à trilha sonora, que ali também cria tal efeito. Assim, Llull alcançaria a glória, a eternidade.

#### Considerações finais

A representação de Ramon Llull no documentário tem duas facetas principais, como salientou Joan Gallifa e com quem concordamos. A primeira, que retrata sua juventude, reflete um

---

<sup>35</sup> “A porta simboliza o local de passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, o tesouro e a pobreza extrema” (Chevalier; Gheerbrant 2020, 811).

caráter “muito mais impulsivo”, com traços de arrogância. A segunda, a partir da “conversão”, aparenta ser mais reflexiva, embora ele continue sendo “teimoso e perseverante” (*Apud* “Visita al rodatge de ‘Jo, Ramon Llull’” 2016). Esse contraste em sua personalidade, que impõe à conversão um momento capital, também foi ressaltado pela historiografia, animações e obras lulianas. Ele próprio condenou sua vida pregressa de pecador, buscando expiá-la a partir da concretização de três objetivos principais: 1) converter os “infiéis”; 2) escrever o “melhor livro do mundo”; 3) convencer as autoridades da importância da construção de escolas para o ensino de línguas orientais.

Aqueles oito pesquisadores entrevistados, as “vozes” historiográficas do documentário, tiveram um papel importante no desenvolvimento de uma rigorosa abordagem acadêmica sobre Ramon Llull. Suas diversas publicações, entre as quais estão estudos, traduções e edições críticas de obras lulianas, contribuíram para “desmitologizar” a figura do filósofo nas últimas décadas. Maribel Ripoll, por exemplo, ainda atuou como comissária das Ilhas Baleares durante o *Any Llull*, que também tinha esse propósito.<sup>36</sup> Eles não têm a ingênua presunção, evidentemente, de revelar o “real” e “verdadeiro” Llull; na verdade, essa é somente uma aproximação ao personagem histórico, à luz dos avanços da crítica historiográfica. Devemos lembrar que ele se definia, antes de tudo, como um cristão, conforme destacou Lola Badia em sua última fala. A conversão dos “infiéis” era o seu principal desejo.

O documentário apresenta uma ênfase ao caráter inventivo e científico de Llull, sem incorporar alguns dos mitos que já foram desconstruídos pela historiografia, como a versão alquímica (Pereira 1987). Além disso, percebemos analogias com o cenário e certos personagens do filme *O Nome da Rosa*, que não parecem ser uma simples coincidência. Outra questão a ser comentada é o suposto destaque ao perfil político e diplomático do filósofo, cuja expressão concluímos ter sido mínima numa visão em conjunto. O que parece ser exteriorizado é um tom hagiográfico em sua narrativa, estética e trilha sonora. Tal perspectiva, contudo, aparentemente era uma preocupação somente dos diretores, não sendo compartilhada pelos especialistas entrevistados. Em suma, esse documentário sobre Ramon Llull atingiu um público muito mais amplo, contribuindo para popularizar uma determinada imagem sobretudo em territórios de língua catalã.

## Referências bibliográficas

---

<sup>36</sup> Confira os minutos finais da entrevista de Maribel Ripoll à *Catalunya Ràdio* (10/04/2016). Disponível em: <https://www.ccma.cat/catradio/alacarta/follsperr-llull-ramon-llull-en-els-seus-llibres/bonus-llull-lentrevista-amb-maribelripoll/coleccio/4151/915735>

---

## Fontes primárias (documentários)

Elsa Peretti Foundation. “Ramon Llull, uomo del nostro tempo”. 2015. Direção de Enrico Ranzanici. YouTube, 47 min. <https://www.youtube.com/watch?v=w7wu1FSYLa8>

Fundació Videoteca dels Països Catalans. “Ramon Llull: ciència i acció”. 1994. Direção de Josep Oller, DVD, 47 min.

IB3 - Ens Públic de Radiotelevisió de les Illes Balears. “Ramon Llull”. 2015. Direção de Miquel Verd e Pere Muñoz, 6 episódios, 40/50 min. <https://ib3.org/ramonllull?pl=1&cont=03e03820-9c9b-42bf-b749-6614e3187bd9>

Televisió de Catalunya / La Perifèrica Produccions / Oberón Cinematogràfica / Institut Ramon Llull / IB3 (Televisió de les Illes Balears). “Phantasticus. El cant de Ramon”. 2007. Direção de Cesc Mule, 57 min. <https://www.ccma.cat/tv3/alcarta/programa/Phantasticus-El-cant-de-Ramon/video/321149/>

TV3 - Televisió de Catalunya, Batabat Produccions e Xarxa Audiovisual Local. “Jo, Ramon Llull”. 2016. Direção de Antoni Tortajada e Joan Gallifa. Espanha, 94 min. <https://www.ccma.cat/tv3/alcarta/jo-ramon-llull/jo-ramon-llull/video/5617793/>

TVE Catalunya. “L’aventura dels catalans - Ramon Llull”. 1984. Direção de Vladimir de Semir, 25 min. <https://www.rtve.es/play/videos/altres-programes-darxiu/arxiu-tve-catalunya-laventura-dels-catalans-ramon-llull/3660203/>

TVE Catalunya. “La nostra gent - Ramon Llull”. 1982. Direção de Manuel Ibáñez Escofet, 27 min. <https://www.rtve.es/play/videos/la-nostra-gent/arxiu-tve-catalunya-nostra-gent-ramon-llull/3662460/>

## Bibliografia

Bonner, Anthony. “A Arte luliana como autoridade alternativa”. *Veritas, Revista de Filosofia*, 41, n. 163 (1996): 457-472.

Bordoy Fernández, Antoni. “Ramón Llull y la crítica al averroísmo cristiano”. *Taula. Quaderns de pensament*, n. 37 (2002): 21-35.

Borges, Jorge Luis. “A máquina de pensar de Raimundo Lúlio”. Em *Obras completas*, BORGES, Jorge Luis, 369-375. São Paulo: Globo, 1999.

Bosch, Jordi. “Entrevista a Matías Vallés”. *El Mirall Revista Cultural* 2, segunda temporada (Palma de Mallorca), n. 236 (2016): 72-75.

Busquets, Gemma. “En Llull més polític”. 2016. <https://www.elpuntavui.cat/comunicacio/article/-/972851-en-llull-mes-politic.html>.

Chevalier, Jean, e Alain Gheerbrant. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

Colomba, Coralba. “Ramon Llull at the Council of Vienne (1311-1312): the Last Anti-Averroistic Fight for the Demonstrability of the Faith”. *Mediaeval Sophia*, 13 (2013): 44-64.

Domínguez Reboiras, Fernando. “‘In civitate Pisana, in monasterio Sancti Domnini’: Algunas observaciones sobre la estancia de Ramon Llull en Pisa (1307-1308)”. *Traditio*, 4 (1986): 389-437.

Domínguez Reboiras, Fernando. “La recepción del pensamiento luliano en la península ibérica hasta el siglo XIX. Un intento de síntesis”. *Revista de lengües y literaturas catalana, gallega y vasca*, n. 15 (2010): 361-385.

Domínguez Reboiras, Fernando. *Ramon Llull. El mejor libro del mundo*. Barcelona: Arpa Editores, 2016.

Eco, Umberto. *A busca da língua perfeita na cultura europeia*. Bauru: EDUSC, 2002.

Eco, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Eco, Umberto. *O Nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Record, 2021.

Eco, Umberto. *Pós-escrito a O Nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Fernández Álvarez, Ana, e Joan Solé-Camardons. “L’edat mitjana catalana al cinema”. *Revista de Catalunya*, n. 309 (2020): 161-178.

Fidora, Alexander. ““Sicut oleum super aquam”. Sobre la relación entre fe y razón en Ramon Llull”. *Enrahonar: an international journal of theoretical and practical reason*, n. 61 (2018): 121-138.

Guerreau, Alain. *El futuro de un pasado. La Edad Media en el siglo XXI*. Barcelona: Crítica, 2002.

Heers, Jacques. *A Idade Média, uma impostura*. Lisboa: Edições Asa, 1994.

Higuera Rubio, José. “Ensayo Bibliográfico sobre los Estudios Lulianos (2008-2018)”. *Revista Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*, 38 (2021): 65-75.

Hillgarth, Jocelyn Nigel. *Ramón Llull y el lulismo en la Francia del siglo XIV*. Barcelona: Institut d’Estudis Catalans, 2018.

Hulshof, Cecilia. “A Idade das Trevas em *O Nome da Rosa*”. *Khronos, Revista de História da Ciência*, n. 10 (2020): 180-203.

Le Goff, Jacques. *Uma vida para a história: conversações com Marc Heurgon*. São Paulo: Editora da UNESP, 2007.

Lerín, Olga. 2016. “Llull ante Llull, en TV-3”. *elPeriódico*, <https://www.elperiodico.com/es/tele/20160910/jordi-bosch-roger-casamajor-llull-tv-3-5364429>

Llull, Ramon. *Vida Coetânea*. Coimbra: Ariadne Editora, 2004.

Macedo, José Rivair. “A Idade Média através do cinema: algumas possibilidades de leitura”. Em *História Antiga e Medieval: cultura e ensino*, orgs. Adriana Zierer e Carlos Alberto Ximendes, 209-226. São Luís: Editora UEMA, 2009.

Napolitano, Marcos. “Fontes audiovisuais: a história depois do papel”. Em *Fontes Históricas*, org. Carla Pinsky, 231-290. São Paulo: Contexto, 2011.

Nichols, Bill. “A voz do documentário”. Em *Teoria contemporânea do cinema: documentário e narrativa ficcional*, org. Fernão Pessoa Ramos, 47-68. São Paulo: Editora Senac SP, 2005a, vol. 2.

Nichols, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus, 2005b.

Pasqual, Antonio. *Descubrimiento de la aguja náutica, de la situación de la América, del arte de navegar y de un nuevo método para el adelantamiento de las artes y las ciencias*. Madrid: Imprenta de Manuel González, 1789.

Penafria, Manuela. *O Filme Documentário: História, Identidade, Tecnologia*. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

Pereira, Michela. “La leggenda di Lullo alchimista”. *Estudios Lulianos*, 27 (1987): 145-163.

Puig, Francesc. “Ramon Llull, político y diplomático”. *La Vanguardia*, 03 de junho de 2016, 10-11.

Ramos, Fernão Pessoa. *Mas afinal... O que é mesmo documentário?* São Paulo: Editora Senac SP, 2008.

---

Souza, Guilherme Queiroz de. “A representação de Ramon Llull no cinema de animação (1990-2020): (des)compassos entre o desenho e a historiografia?” *Revista de História Comparada*, 15, (2021a): 197-223.

Souza, Guilherme Queiroz de. “Raimundo Lúlio, a Idade Média Global e o Ensino de História: perspectivas de abordagem”. *Esboços: histórias em contextos globais*, 28, (2021b): 531-557.

Vallés, Matías. “Llull, basat en fets reals”. *El Mirall Revista Cultural 2*, segunda temporada (Palma de Mallorca), n. 236 (2016): 68-70.

Villalba i Varneda, Pere. *Ramon Llull. Escriptor i Filòsof de la Diferència. Palma de Mallorca, 1232-1316*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 2015.

“Visita al rodatge de ‘Jo, Ramon Llull’”. *Corporació Catalana de Mitjans Audiovisuals, SA*, 01 de junho de 2016. <https://www.ccma.cat/premsa/visita-al-rodatge-de-jo-ramon-llull/nota-de-premsa/2733987/>

\*\*\*

Recebido: 04 de janeiro de 2023

Aprovado: 06 de março de 2023